

A REPRESENTAÇÃO DO NARRADOR CLÁSSICO NO ROMANCE LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE

Jhonatan Rodrigues Peixoto da Silva¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de promover um diálogo entre a estrutura do narrador do romance **Leite derramado** e o arcabouço aduzido por Walter Benjamin que abrange a figura do narrador clássico. Realizamos uma leitura analítica do romance, e, em seguida, uma associação entre o narrador de Chico Buarque e o narrador entendido como original, ou seja, aquele que deflagra sua narrativa por intermédio da oralidade e da ação de sua própria experiência, além de evidenciarmos as interseções entre narrativa clássica e morte, outra formulação de Benjamin, e vinculá-las à estrutura do narrador de **Leite derramado**.

Palavras-chave: Literatura. Narrador. Walter Benjamin. Chico Buarque.

Introdução

Francisco Buarque de Hollanda (Rio de Janeiro, 1944-), além de cantor e compositor, é um dos mais influentes escritores brasileiros da atualidade. Como romancista, estreou com **Estorvo** (1991), depois escreveu **Benjamim** (1995), **Budapeste** (2003), **Leite derramado** (2009) e **O irmão alemão** (2014). A literatura de Chico Buarque não nos propicia uma leitura fácil e passiva. Seus romances são imbuídos de uma prosa construída em prol de uma leitura de fruição, conseqüentemente, seus romances exigem a intensa participação e atenção do leitor na produção de significação da obra. Suas narrativas geralmente imiscuem a realidade e a ficção, levando o leitor a perder no horizonte da narrativa os limites entre uma e outra. A prosa do autor também é profusa em personagens protagonistas decadentes, degradados, não raras vezes, enfrentando dificuldades financeiras e conflitos psicológicos que proporcionarão inúmeros devaneios e digressões realizados por estas personagens. As

¹ Graduando em Letras (Português- Literatura) pelo Uniabeu ó Centro Universitário e membro do Grupo de Pesquisa Poéticas do Contemporâneo. Foi bolsista do Programa de Apoio à Pesquisa (PROAPE), no Uniabeu, orientado pelo professor Dr. Paulo César Oliveira, no projeto ãViagens ficcionais, viagens históricas: as narrativas migrantes de Bernardo Carvalho e Bruce Chatwinö (2012-2014).

vicissitudes e instabilidade humanas são refletidas nas personagens criadas por Chico Buarque, tornando-as problemáticas, confusas e controversas, funcionando como metonímias da personalidade humana.

Este artigo tem como objetivo analisar uma das obras mais importantes de Chico Buarque, **Leite derramado**, buscando um diálogo entre a estrutura do narrador do romance supracitado e a estrutura do narrador clássico formulado por Walter Benjamin, categorizando o narrador do romance de Buarque como um representante lídimo do narrador clássico. Também realizamos uma associação entre Eulálio, o narrador de **Leite derramado**, e as interseções contidas entre narrativa clássica e morte, a fim de embasarmos melhor nossa proposição já mencionada. Em suma, este artigo abarca algumas questões teóricas acerca do narrador.

No primeiro tópico, realizamos uma leitura analítica de **Leite derramado** a fim de familiarizar o leitor ao romance, esmiuçando ao máximo a narrativa, apresentado seus detalhes e enredo. No segundo tópico, estabelecendo um diálogo essencial com Walter Benjamin, realizamos uma análise estruturalista sobre a questão do narrador em **Leite derramado**. Pretendemos viabilizar uma categorização deste elemento da narrativa como um narrador clássico: aquele que recorre à tradição da narrativa oral, que narra aos que estão à sua volta, cuja ação desta narrativa constitui-se como um conjunto de experiências vividas. Afastamos, deste modo, a atribuição de narrador pós-moderno para a classificação do narrador de **Leite derramado**. No derradeiro tópico deste artigo, a fim de ratificar as proposições anteriores, apontamos a relação existente entre narrativa clássica e morte, recuperando-a com o objetivo de identificar esta relação na figura de Eulálio, o narrador do romance de Buarque.

1. **Enxugando o Leite derramado: compreendendo o romance**

Um homem de cem anos que narra desarticuladamente, em um leito de hospital, as suas memórias. Concisa e simplificada, é desta forma que se estrutura o romance **Leite derramado**, de Chico Buarque. Eulálio Montenegro de Assumpção é o narrador-personagem que relata suas memórias às pessoas que o visitam, tal como sua filha, ou as enfermeiras ou, também, para os outros pacientes que dividem o recinto hospitalar com ele. Transcendendo a primeira impressão de uma estrutura aparentemente simples, **Leite derramado** é uma narrativa imbuída de peculiaridades que abrangem tanto o nível da técnica narrativa utilizada, quanto ao estilo ao qual o autor recorreu para tornar verossímil a fala do narrador enquanto este discorre acerca de suas memórias. Estas peculiaridades, dentre outras, elevam este romance de Buarque ao patamar de sua obra-prima, consolidando o autor como um grande romancista brasileiro.

As memórias do narrador discorrem acerca das vicissitudes de sua vida, de sua trajetória pessoal, desde os relatos mais remotos de sua infância aos mais recentes, que já abarcam sua velhice. Eulálio, consoante narra a história de sua vida, também narra a história da genealogia de sua família, apresentando-a como nobre e aristocrática em suas raízes. O narrador é extremamente pomposo e pedante em relação ao estrato familiar ao qual pertence (ainda que no tempo presente em que ocorre a diegese a sua família já não tenha prestígio algum). No entanto, conforme Eulálio desvela, geração por geração, os meandros pelos quais percorreram os descendentes dos Assumpção, fica-nos clara a explícita decadência de uma família no decorrer do tempo, principalmente se associarmos a infância abastada do narrador, cujo pai era senador, à situação em que o próprio narrador se encontrava antes de ser internado no hospital: morando de favor, submetido a adversidades e necessidades, e tendo um tataraneto

envolvido com tráfico de entorpecentes. Sendo assim, podemos asseverar que a saga familiar associada à decadência é um dos temas principais de **Leite derramado**.

A saga familiar, no entanto, figura como um elemento subterrâneo ou figurativo, o que serve para dar substância à arrogância e à empáfia do narrador ao declarar-se oriundo de uma estirpe nobre, e também como respaldo para sutis críticas à pernóstica e vazia ideologia e aos valores que norteavam estas famílias abastadas comuns no século XIX e XX. O asco ao pobre ou o racismo tão presentes na família Assumpção são exemplos ideais desses valores distorcidos.

Esquecendo um pouco a saga familiar, temos que voltar nossa atenção a um dos elementos centrais: a figura de Matilde, pois é nesta em que se concentram a angústia, a incerteza, os devaneios e os ciúmes, e toda a conflituosa densidade psicológica do narrador. A vida de Matilde é esmiuçada tal como a do próprio narrador, levando-o a realizar um grande lamento pela sua não tão bem sucedida relação com sua mulher, que desaparece, abandonando-o. E é desse lamento e indignação por essa tragédia ocorrida, que chegamos ao título do livro: a consternação pelo leite derramado, título que remonta ao ditado popular «não chore pelo leite derramado», que, no romance, representaria as tragédias e infortúnios ocorridos na vida do narrador. Tragédias imutáveis, pois pertencentes aos fatos passados (ao leite já derramado), lamentáveis apenas. O narrador desfere toda a narrativa ao mesmo tempo em que se lamenta, sobretudo, acerca dos acontecimentos desafortunados que envolvem a relação com sua mulher.

Matilde é a personagem-sol, se assim podemos tachá-la, em que tudo mais gira ao seu redor. A própria narrativa de Eulálio parece desenvolver-se em prol de Matilde, sempre coadunando as fases de sua vida às de sua esposa. A relevância da personagem pode ser constatada até mesmo ao associarmos a tonalidade da capa do romance (alaranjada) às cores alaranjadas presentes na maioria das vestimentas de Matilde, como vemos em: «Vestiu-se como achou que era de bom-tom, com um vestido de cetim cor de laranja e um turbante de feltro mais alaranjado ainda» (BUARQUE, 2009, p. 11) ou «Ao surpreendê-la vestindo um tailleur alaranjado da mãe, que além do mais ficava troncho em seu corpo» (BUARQUE, 2009, p. 125) ou ainda «Mas ela teimou com o vestido de alças, cor de laranja» (BUARQUE, 2009, p. 64), e isso para citar apenas três exemplos da preferência de Matilde pela cor alaranjada que, além de figurar na capa do romance, tal como se um dos vestidos cor de laranja de Matilde vestisse o próprio livro, também avulta tonalizando até mesmo a raiva e o ciúme de Eulálio: «Só senti que era alaranjada a raiva cega que tive da alegria dela» (BUARQUE, 2009, p. 12).

Prendendo-nos um pouco mais às questões acerca da Matilde, faz-se imprescindível apontarmos resquícios da narrativa Machadiana, ou fugazes evocações da mesma, nas elucubrações de Eulálio acerca das supostas traições de Matilde, mormente, na mais incômoda das hipóteses: a que envolve o amigo francês do narrador, o Dubosc. Eulálio é acossado por inúmeras incertezas referentes à fidelidade de sua mulher, e neste ponto poderíamos revolver ao Félix e sua miríade de dúvidas e incertezas quanto à Livia, em **Ressurreição**, de Machado de Assis. Expandindo e exacerbando seus ciúmes, Eulálio engendra, através de devaneios e divagações, situações adúlteras entre Matilde e Dubosc, devaneios que o dilaceram e que, em um momento crítico da narrativa, incitam-no a invadir o quarto do amigo francês e, em um lampejo violento de ciúmes, visualizar a sua mulher na cama de Dubosc, entretanto:

Então avancei para a minha mulher decidido a arrastá-la para casa pelos cabelos, nua como estava, para a enxovalhar perante os porteiros do hotel e os bêbados na avenida. Num safanão arranquei o lençol com que ela se embrulhava, e dei com a mulher do médico. Eu estava

certo de desmascarar Matilde, e foi com repulsa que deparei as carnes moles da mulher do médico (BUARQUE, 2009, p. 160).

Esse excerto corresponde ao que fora o ápice das crises de ciúmes de Eulálio, tais crises que o mergulhavam em profundos e lancinantes devaneios, culminando no descobrimento da relação adúltera entre a mulher do médico e Dubosc. Sendo assim, temos em **Leite derramado** uma construção de um triângulo amoroso similar ao que vemos em **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, envolvendo Bentinho, Capitu e Escobar. Tanto em **Dom Casmurro** como em **Leite derramado** não é permitido ao leitor chegar a uma conclusão segura e inquestionável acerca da traição tanto de Matilde quanto de Capitu, já que ambos os narradores dos romances não nos asseguram a confiabilidade necessária em seus respectivos discursos sempre difusos e paradoxais.

Antes de findar esse tópico que realiza uma leitura analítica do romance **Leite derramado**, é necessário que enfatizemos o modo como os eventos pessoais do narrador foram dispostos pelas memórias do mesmo. É muito comum que os romances memorialistas apresentem as memórias das personagens com algum rigor na sequência cronológica, obedecendo, assim, a uma ordem lógica que propiciará uma disposição organizada e coerente das reminiscências das personagens. Os romances de formação também costumam apresentar o desenvolvimento e crescimento das personagens optando pela linearidade estável. Entretanto, o narrador que narra suas memórias em **Leite derramado** é um idoso de cem anos. Levando em consideração que um dos objetivos do discurso literário é atingir o verossímil, podemos asseverar a engenhosidade da narrativa do romance de Buarque ao associarmos o caótico e digressivo discurso de Eulálio a uma necessidade de verossimilhança que se ajuste às fraquezas, deteriorações e lapsos de uma memória de um ancião. Em suma, vemos, no romance, o que seriam as prováveis características reais de uma memória de um homem de cem anos incorporadas plenamente à representatividade do narrador-personagem Eulálio. O discurso do narrador é extremamente verossímil ao o que seria o discurso de um homem real de cem anos.

Abundantes são as repetições que o narrador comete ao narrar os eventos de sua vida, repetindo-os diversas vezes, ou embaralhando-os inescrupulosamente, após já ter se perdido em tantas repetições. Algumas informações são tão embaralhadas que sua resolução torna-se inviável, como o caso do desaparecimento de Matilde. Eulálio apresenta inúmeras versões do que poderia ter acontecido à sua mulher, desde um acidente fatal no trânsito, a um suicídio no manicômio ou a uma morte por afogamento, não ficando nítido ao leitor o verdadeiro destino de Matilde. Eulálio tenta justificar as repetições que realiza sobre alguns eventos de sua vida, atribuindo-as a um esmero de quem não quer esquecer-las, e, então, precisa repeti-las, como vemos neste trecho: ãse com a idade a gente dá para repetir casos antigos, palavra por palavra, não é por cansaço da alma, é por esmeroö (BUARQUE, 2009, p.96). Também é notável a falta de organização cronológica e linear no discurso de Eulálio. Acometido por uma dificuldade de compilar as memórias de sua vida e discorrer sobre elas linearmente, Eulálio as desfere com espontaneidade, narrando suas memórias na ordem como elas vêm à sua mente, engendrando um caos no plano conteudístico do romance. As reminiscências de Eulálio estão desarticuladas e desorganizadas em todo o romance, exigindo que o leitor abandone uma suposta posição de passividade diante da leitura, já que será exigido dele, além de uma minuciosa atenção aos dados fornecidos pelo narrador, um esforço para que haja uma reconstrução das memórias de Eulálio, compilando-as coerentemente, isso se realmente quiser alcançar um bom entendimento da obra.

Findada a leitura analítica, podemos concluir que **Leite derramado** é uma obra imbuída de um grande primor estético e um plano conteudístico que exige a participação constante do leitor na reconstrução das memórias de Eulálio. Lamentos, pedantismo, e, sobretudo, ciúmes constituem a índole de um narrador que narra a história de sua vida, associada sempre ao amor etéreo por sua mulher, a quem quisera ouvi-la.

2. Eulálio: O narrador clássico de Walter Benjamin

Após devassarmos o romance como um todo, atentemo-nos à análise de um de seus elementos integrantes. Sabemos que a obra literária constitui-se como um sistema configurado pelos seus próprios elementos integrantes e estruturas inerentes, elementos que norteiam uma produção de significado que será realizada através da reflexão ou de um olhar lançado à interioridade da obra, relegando o fator extrínseco à obra em prol do fator intrínseco à obra, e, assim, podemos depreender a obra literária como um organismo poético, um sistema complexo e autorreferencial. Torna-se explícita a nossa tendência a uma análise estruturalista, principalmente porque abordaremos agora a figura do narrador, também um elemento da ficção, e, no caso do romance **Leite derramado**, também uma personagem. E, sendo assim, devemos evidenciar que o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras (BRAIT, 2006, p.11). Ainda que concebamos a personagem como um problema linguístico, ou seja, um ser constituído de palavras e atrelado à estrutura linguística da obra, cujo estudo deverá buscar resoluções que se encontrem na obra em si, não devemos preterir a densidade psicológica e representativa de uma personagem, como nos diz Angélica Soares:

Embora alguns críticos venham insistindo na conceituação da personagem como um ser de papel, sem nenhuma identificação com a pessoa viva, ela guarda sempre, em sua ficcionalidade, uma dimensão psicológica, moral e sociológica (SOARES, 2007, p.46).

Essa densidade psicológica da personagem, em suas representações gerais, alcança maior profundidade do que o ser real em si, restrito às suas particularidades.

As características do narrador de **Leite derramado** permitem-nos que façamos uma associação coerente entre ele e o arquétipo de narrador clássico formulado por Walter Benjamin, afastando-o, conseguinte, do modelo, por exemplo, de um narrador pós-moderno. Porém, quando pensamos nas características estruturais básicas de classificação para um narrador, podemos categorizar Eulálio como um narrador interventivo, pois não narra e mantém um distanciamento impessoal daquilo que narra, mas opina e confabula sobre os eventos da narrativa; um narrador que preponderantemente é autodiegético, isso é, Eulálio narra em primeira pessoa e é o protagonista de sua própria narrativa; e, por fim, um narrador restrito, já que ele não tem pleno conhecimento dos fatos, não sabe o que está na mente dos outros personagens, na verdade, precoce e confuso, às vezes, parecem-nos até o conhecimento acerca dos fatos de sua própria vida.

O narrador original ou clássico formulado por Walter Benjamin é o narrador das narrativas orais, o narrador que fala aos seus ouvintes movido por um senso prático, regido pelo teor utilitário, e que retira da experiência o que ele conta: sua própria

experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes (BENJAMIN, 1985, p. 201). Este narrador extrai a ação de sua própria experiência, sua sabedoria e narrativa provêm dessa experiência vivida que caracteriza e fundamenta o fato de que o narrador clássico, quando o encontramos em narrativas escritas, permanece quase sempre em primeira pessoa. Chegamos, assim, à formulação de uma imagem em que o narrador que remonta às narrativas originais seja um homem profuso em experiências e que as dissemine para os seus ouvintes, objetivando geralmente a transmissão de um conselho alicerçado nos preceitos morais de sua cultura, ou não raro em sua própria percepção de moralidade, assinalando assim o teor utilitário e moral que há no âmago da narrativa original. Então, é válido ressaltar que esta narrativa não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele (BENJAMIN, 1985, p. 205). E ao retirá-la, ela já está plasmada à experiência do narrador, pronta para ser narrada.

Assim como o narrador clássico, Eulálio também extrai toda a ação de sua narrativa através de sua própria experiência vivida, utiliza-se, para isso, de sua memória, que é a mais épica de todas as faculdades (BENJAMIN, 1985, p. 210). Toda a narrativa de Eulálio provém contundentemente dos eventos vivenciados por ele, excetuando as suas divagações e inferências realizadas atinentes, sobretudo, à sua mulher. Esse dado em si já é suficiente para distanciarmos Eulálio de uma categorização incauta que o identificaria como narrador pós-moderno. Usando o pensamento de Silviano Santiago acerca das características deste narrador, ratificamos nossa proposição de afastar Eulálio de uma possível classificação que o eleve ao patamar de narrador pós-moderno:

O narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante (SANTIAGO, 2002, p.45).

Discrepando do último trecho da citação, Eulálio narra enquanto atuante, seja no tempo presente da diegese, ou nas frequentes e preponderantes análises realizadas pela narrativa a fim de desvelar eventos passados da vida de Eulálio. É sempre a própria experiência do narrador que está em evidência, evadindo, então, à mera concepção de um narrador-observador.

Essa ação oriunda da experiência do narrador vem sempre, no caso de **Leite derramado**, através das memórias desarticuladas e desorganizadas de Eulálio. Ele as narra oralmente a quem quiser ouvi-las. Seus ouvintes, geralmente, são sua filha, algumas enfermeiras e outros pacientes que estão dividindo o quarto com o narrador. Além do fato de se dirigir explicitamente a um interlocutor, Eulálio nos deixa claro que narra oralmente ao observarmos passagens no romance tais como *õe falo devagar*, como quem escreve, para que você transcreva sem precisar ser taquígrafa, você está aí? (BUARQUE, 2009, p.7), ou *õantes de exhibir a alguém o que lhe dito, você me faça o favor de submeter o texto a um gramático*, para que seus erros de ortografia não me sejam imputados (BUARQUE, 2009, p.18). Eulálio está sempre se dirigindo a um outro alguém, excetuando alguns monólogos divagadores, e ele o faz através da oralidade, narrando suas memórias livremente, conforme permite a mente idosa, sem cronologia.

Benjamin, em suas formulações acerca da figura do narrador clássico, escreveu que a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração (BENJAMIN, 1985, p. 211), e nós já sabemos que é através das reminiscências que o narrador de **Leite derramado** transmite os acontecimentos de sua vida, contando-os seguindo os meandros percorridos pelas gerações de sua família. Eulálio não apenas reconhece que extrai sua narrativa de suas memórias, como também justifica o fato de estarem dispersas e não seguirem uma ordem cronológica:

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode ser alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor a minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto (BUARQUE, 2009, p. 41).

Não pode ser alguém de fora se intrometer. Não, porque o narrador clássico, como já bem esclarecemos, extrai toda a sua narrativa e ação da experiência vivida por ele mesmo. A experiência do outro está fora de questão, enquanto não for este outro um narrador também. E, neste ponto, Santiago nos auxilia novamente a contrapormos a ideia de narrador pós-moderno à ideia de narrador clássico, pois se a experiência do outro está fora de questão, já que o narrador clássico fala de si mesmo, então, não há a possibilidade de Eulálio ser um narrador pós-moderno, visto que o narrador pós-moderno é o que transmite uma sabedoria que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência (SANTIAGO, 2002, p. 46). O narrador de **Leite derramado** cerceia sua narrativa ao que ele vivenciou, lançando um olhar sobre si mesmo, para, depois, narrar suas experiências às pessoas que estão em sua volta, e são suas experiências de vida que dão substância a esta narrativa, aproximando Eulálio precisamente a um representante do narrador clássico de Benjamin, mesmo estando conscientes de que estamos discorrendo acerca de uma narrativa escrita.

3. A narrativa clássica, a morte e Eulálio.

Para findarmos, no último tópico, procuraremos relações entre o narrador Eulálio e a outra característica que compõe o narrador clássico: a iminência da morte como fator que propicia autoridade à narrativa clássica, pois, como disse Benjamin, a morte é a sanção de tudo que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade (BENJAMIN, 1985, p. 208).

Walter Benjamin demonstra, em seu ensaio sobre o narrador, as interseções entre a narrativa clássica e a morte, e também aponta uma das causas que teria auxiliado na condução da narrativa clássica praticamente à extinção: o afastamento da ideia da morte na sociedade, estiolando, assim, a simbiose entre narrador e morte. Benjamin imputa, sobretudo, ao advento e desenvolvimento da sociedade burguesa o fator responsável que catalisou a ocultação da ideia da morte, mitigando a sua relevância e influência na consciência coletiva de toda uma sociedade, como lemos a seguir:

Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo

principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte (BENJAMIN, 1985, p. 207),

Se antes a morte era vista como um espetáculo público, solene e respeitável, nos últimos séculos ela tem sido expulsa do mundo dos vivos. Rechaçada e execrada, destituída de respeito, a ideia de morte teve sua estrutura distorcida, impingindo na sociedade atual o sentimento de asco, mas, sobretudo, o medo de sua presença.

Se a solenidade da morte fora expulsa da sociedade, também foram dilapidados os momentos ideais e convenientes para o desencadeamento da narrativa clássica. Entendamos que, segundo Benjamin, a morte propiciava uma condição plena e suficiente para que a narrativa aflorasse. Era na iminência da morte que o indivíduo vislumbrava a história de sua vida como um todo completo, pronto a ser narrado, e, na maioria das vezes, imbuído de um caráter exemplar, uma exortação de vida baseada na experiência e sabedoria deste indivíduo vivido. E é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida — e é dessa substância que são feitas as histórias — assumem pela primeira vez uma forma transmissível (BENJAMIN, 1985, p. 207). A possibilidade de transmitir plenamente uma história respaldada pela experiência, só se consolidava no momento da morte, em que sobrevinha ao indivíduo a autoridade necessária para a transmissão de suas experiências às pessoas em sua volta, às pessoas que se amontoavam ao redor do agonizante para ouvir histórias de uma vida que já se fechava em sua totalidade, e, em seu término, exercia a função de servir como exemplo aos outros. Se a narrativa clássica surge, então, no espetáculo da morte, podemos dizer que a morte e narrativa clássica cruzam caminho, abrindo espaço para uma concepção do devir humano em que a experiência da vida vivida é fechada em sua totalidade, e é por isso que é exemplar (SANTIAGO, 2002, p. 57). A iminência da morte assevera a exemplaridade da vida do indivíduo que já tem sua história fechada em sua totalidade, propiciando-lhe a autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor (BENJAMIN, 1985, pp. 207-210).

Sem rodeios retóricos, podemos identificar em Eulálio, que em nossa análise fora tachado como um representante do narrador clássico de Benjamin, um indivíduo que se encontra na iminência da morte, o que só corrobora nossa categorização anterior. Faz-se necessário ressaltar que nossa assertiva é alicerçada nas características físicas e psicológicas do narrador, pois é plausível que digamos que um homem de cem anos, perdido em divagações e memórias desarticuladas, estivesse à iminência da morte. Contudo, a morte em si de Eulálio não é uma evidência inconcussa. Não é explícita a morte do narrador no fim do romance. Recorrer à intencionalidade, ao autor, a fim de deslindar alguma obscuridade na obra, não é aconselhável. O texto fala por si mesmo. O autor está morto. Buscar a significação da obra pela intencionalidade é uma ação inconsistente que desencadeará uma produção de significação utilizando-se de fatores que são extraliterários. Porém, sobre a dúvida que nos acomete acerca da certeza da morte de Eulálio, podemos ao menos inferir que o autor possa propositadamente ter encerrado seu romance com uma capciosa manobra narrativa que impeça uma leitura única no que concerne ao destino de seu narrador, ou que tenha lançado um véu em seu texto, que turva e embaça a visão do leitor, não lhe permitindo uma visão nítida, mas sim lhe permitindo, então, que mais de uma leitura seja realizada. A leitura feita por este trabalho depreende que Eulálio define no final. Na última página do romance, Eulálio mergulha em mais um de seus devaneios, neste ele descreve seu tetravô em condições muito similares às suas, como se o narrador estivesse fazendo uma leitura de sua própria condição, do momento de sua morte. Tal como se, acometido por mais divagações,

narrasse seus últimos momentos. O trecho abaixo nos é útil para esclarecermos essa questão:

Entretanto, já agora tenho a vaga ideia de ela ter me levado ainda bebê para me despedir de um velho, se não me engano meu tetravô, que agonizava em um hospital de campanha. O célebre general Assumpção devia ter uns duzentos anos, parecia mais velho que Matusalém, no século retrasado desafiara Robespierre e agora jazia numa simples padiola. Ele já não dizia coisa com coisa, se intitulava camareiro de dom Afonso VI e acreditava estar no palácio de Sintra, em mil seiscentos e lá vai pedrada. (...) Então abriu passagem uma jovem enfermeira, que se debruçou sobre meu tetravô, tomou suas mãos, soprou alguma coisa em seu ouvido e com isso o apaziguou. Depois passou de leve os dedos sobre suas pálpebras, e cobriu com lençol seu outrora belo rosto (BUARQUE, 2009, p. 195).

Compreendamos também que a própria estrutura narrativa do romance **Leite derramado**, que se utiliza de um narrador autodiegético, impele ao narrador a narração de todos os eventos no romance, inclusive o que se referencia à sua própria morte (ninguém poderia fazer isso por ele, já que é ele quem narra), ainda que isso possa parecer problemático. A morte de Eulálio é narrada por ele mesmo, imerso em devaneios, ao narrar o que teria sido a morte de seu tetravô. O momento da morte lhe infunde os devaneios que o turvarão da consciência de seu desfalecimento. A narração da morte de seu tetravô assume, então, em nossa proposição, uma representação da morte do próprio narrador.

Enfim, entendemos que o narrador morre no fim do romance, que a iminência da morte já o envolvia desde o início da narrativa, e podemos acompanhar um recrudescimento de sua saúde no decorrer do romance. As memórias da vida de Eulálio adquirem uma forma transmissível e plena, ainda que embaralhada sob o jugo de uma memória combalida de um homem de cem anos, em seu momento mais decadente, quando a morte já lhe é contígua. A interseção entre narrativa e morte, fundamentada por Benjamin como um fator pertinente para o desenvolvimento da narrativa clássica, também é identificada em **Leite derramado**, intensificando nossas proposições acerca da categorização de Eulálio como um representante do narrador clássico. A experiência vivida de Eulálio modela-se e adquire uma forma consistente em seus últimos dias de vida. Eulálio, como um narrador clássico incitado pela morte próxima, sente a necessidade de expor suas memórias, desvelando a sua vida para as personagens que eventualmente estão ao seu redor. Ainda podemos embasar mais solidamente a relação entre a iminência de morte de Eulálio e o deflagrar de sua narrativa pela consciência da proximidade da morte, sendo esta relação uma das bases da narrativa clássica exposta por Walter Benjamin, ao demonstrarmos que o narrador é cômico de sua fatídica conjuntura:

Aos domingos, no pico do horário de visita, é comum acorrerem famílias inteiras a fim de apreciar meus estertores, ou quiçá a derradeira sentença de um moribundo. Muita vez de fato já invoquei a morte, mas no momento mesmo em que a vejo de perto, confio em que ela mantenha suspensa a sua foice, enquanto eu não der por encerrado o relato de minha existência (BUARQUE, 2009, p. 184).

A morte lhe sobrevirá assim que o relato de sua existência findar-se em sua totalidade, uma consciência desfechada pelo próprio narrador, como observamos.

Expomos, então, a relação entre a narrativa clássica e a morte, objetivando identificar essa mesma relação também presente no romance **Leite derramado**, configurada na figura do narrador Eulálio. Com isso, evidenciamos o vínculo entre a estrutura do narrador de **Leite derramado** e a estrutura do narrador clássico, elevando Eulálio como um representante seu, ainda que figure em uma narrativa escrita.

Conclusão

Por meio da reflexão teórica, procuramos devassar a estrutura do romance **Leite derramado** dentro de nossos objetivos estipulados. Recorremos a fatores estritamente intrínsecos à obra, como bem especificamos anteriormente, a fim de fundamentar nossa análise e reflexão aos preceitos estruturalistas. Entendemos a obra como um organismo poético e autorreferencial, e cômicos disto, selecionamos a figura do narrador no emaranhado da obra como objeto fulcral de nossa análise.

Inicialmente, buscamos a familiarização do leitor ao romance que pretendíamos analisar, além de propiciar uma atualização do conteúdo da narrativa aos leitores que já haviam lido o romance. Escrutamos o arcabouço de **Leite derramado**, evidenciando sua composição, enredo e singularidades, o que facilitaria a apreensão, por parte do leitor, de nossas proposições nos tópicos seguintes.

A fim de propiciar uma categorização coerente ao narrador de **Leite derramado**, realizamos uma associação entre o narrador clássico de Walter Benjamin e a figura do narrador do romance supracitado, identificando nesta figura um representante do narrador formulado por Benjamin. Eulálio recorre às narrativas orais para transmitir a sua história de vida, embasando a ação desta em sua experiência de vivida.

E, no tentame de ratificar a categorização anterior, expomos o vínculo que há entre narrativa clássica e morte, segundo a formulação de Benjamin. Se é na iminência da morte que a experiência do indivíduo torna-se plenamente transmissível, por atingir a sua totalidade, desencadeando, assim, a narrativa clássica, demonstramos essa iminência de morte na figura do narrador de **Leite derramado**, que, desfalecendo, narra oralmente as suas memórias às personagens que eventualmente o cercam, desencadeando, então, a narrativa clássica, e, por fim, consolidando a sua categorização como um representante do narrador clássico.

Enfim, **Leite derramado** apresenta uma estrutura narrativa insólita, primorosa e agraciada pelo labor estético e pela singularidade de seu enredo. Ressaltamos o proficiente trabalho realizado por Chico Buarque ao inserir, no discurso de seu narrador, a verossimilhança necessária a fim de ampliar a representatividade de seu personagem tornando-o extremamente carismático e marcante. Uma narrativa de fruição, exigente e que não se dispõe a uma linearidade estável, requerendo do leitor uma atenção intensa no decorrer da narrativa, além da argúcia para reorganizar as memórias de Eulálio, e não ser ludibriado pela disposição caótica em que são desferidas pelo narrador. **Leite derramado** é uma obra que comina ao leitor uma rígida vigilância aos pormenores contidos nas linhas desta excelente narrativa de Chico Buarque.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 197-221.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Beth Brait. 8.ed. São Paulo: Ática, 2006, 95p. (Princípios; 3).

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. Chico Buarque. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTIAGO, Silviano, 1936 **Nas malhas da letra: ensaios** / Silviano Santiago. Rio de Janeiro: 2002, Rocco.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários** / Angélica Soares. 7.ed. São Paulo: Ática, 2007, 85p. (Princípios; 166).

THE REPRESENTATION OF CLASSIC ROMANCE NARRATOR IN LEITE DERRAMADO, BY CHICO BUARQUE

Abstract: This article aims at promoting dialogues between the novel the narrator structure **Leite derramado** and the framework put forward by Walter Benjamin covering the figure of the classic narrator. We conducted an analytical reading of the novel, and then an association between the narrator of Chico Buarque and the narrator understood as original, one that triggers his narrative through orality and share your own experience. Besides demonstrate the intersections between classical narrative and death, another Benjamin formulation, and link them to the **Leite derramado** narrator structure.

Key words: Literature. Narrator. Walter Benjamin. Chico Buarque.

Recebido em 15/12/2014.

Aceito em 27/12/2014.